



ISSN 1982-999x |

O Encontro de Carl Gustav Jung com a Filosofia

Carl Gustav Jung's Encounter with Philosophy

Robson Stigar
(Faculdade Herrero, Brasil)

Vanessa Roberta Massambani Ruthes
(Faculdade Isulpar, Brasil)

Resumo

O presente artigo busca analisar a relação de elementos presentes na teoria de Jung sobre a *psiqué* humana com teorias de filósofos que lhe eram contemporâneos. Em Kant, encontramos as referências sobre categorias *a priori*, que compõem a *psiqué* humana e a forma como essa percebe a realidade. Na obra de Nietzsche vamos encontrar os elementos relacionados a uma natureza comportamental de caráter comunitário, a partir da qual, os indivíduos realizam suas escolhas a partir de categorias presentes em determinado grupo social. Em Darwin, vamos encontrar elementos que nos permitem compreender a existência de formas genéticas basais, que não são modificadas pelo processo de adaptação da realidade. Por fim, em Freud, vamos encontrar os elementos que fundamentam a existência de outras estruturas da *psiqué* que convivem com a consciência. Com essas análises, pretendemos demonstrar que a psicologia analítica, como ficou conhecida a corrente de psicologia de Jung, foi profundamente influenciada pela filosofia.

Palavras-chave: Filosofia. Psicologia. Teoria Junguiana.

Abstract

This article seeks to analyze the relationship of elements present in Jung's theory of the human psyche with theories of philosophers who were contemporary with him. In Kant we find references to *a priori* categories, which make up the human psyche and the way it perceives reality. In Nietzsche's work, we find elements related to a community-based behavioral nature, from which individuals make their choices based on categories present in a given social group. In Darwin, we will find elements that allow us to understand the existence of basic genetic forms, which are not modified by the process of adapting to reality. Finally, in Freud, we will find the elements that support the existence of other structures of the psyche that coexist with consciousness. With these analyzes, we intend to demonstrate that analytical psychology, as Jung's current of psychology became known, was deeply influenced by philosophy.

Keywords: Philosophy. Psychology. Jungian Theory.



1 Introdução

Para a formação de sua teoria acerca da *psiqué*, Jung passou, por experiências pessoais. Contudo, à essas se somam outras tantas influências que direta ou indiretamente estão presentes em sua abordagem psicológica. Vivendo em um período de efervescências no campo da intelectualidade, podemos afirmar que Jung condensou de forma magistral óticas teóricas antagônicas, percebendo o que as mesmas possibilitavam na compreensão acerca do humano. Dentre essas diversas perspectivas, temos a colaboração filosófica de Immanuel Kant, de Friedrich Nietzsche, Charles Darwin e Sigmund Freud na construção do pensamento Junguiano construindo um encontro intelectual de Jung com a Filosofia.

Na terapia junguiana, analisa-se os sonhos e fantasias, uma ligação estabelecida entre a mente consciente e os conteúdos do inconsciente. A doença psíquica é considerada o resultado do rompimento entre elas. Os pacientes são orientados a ficar atentos aos significados pessoal e coletivo. Descobrir os sinais do inconsciente, descobrir o “como” os “porquês” e os “para que” de cada situação vivida, ou seja, estudar a totalidade do ser.

Jung trilhou a individuação, pois havia a necessidade imperiosa nele de ir ao inferno e voltar para poder mostrar o caminho da volta àqueles que ficaram perdidos pelo caminho da vida. Tornou-se, ele, uma resposta sincera e corajosa ao nosso tempo. Na psicologia analítica poderia se dizer que leva o indivíduo a descobrir, o se “eu” colocado ao mundo, sendo assim cada um deve descobrir suas respostas; caso contrário, estará reduzido à resposta que o mundo me der”.

2 Carl Gustav Jung

“Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou” (JUNG, 1986, p. 5). Esta é a introdução da autobiografia de Carl Gustav Jung, registrada no livro *Memórias Sonhos Reflexões*.

Minha vida foi singularmente pobre em acontecimentos exteriores. Sobre estes não posso dizer muito, pois se me afiguram ociosos e desprovidos de consistência. Eu só me posso compreender a luz dos acontecimentos interiores. São estes que constituem a peculiaridade de minha vida e é deles que trata minha autobiografia. (JUNG, 1986, p. 9).

Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, Suíça, mudou-se para a cidade da Basileia, na época um dos maiores centros de cultura da Europa. Lá realizou seus primeiros estudos. Filho de um pastor protestante que lhe deixou, como herança, uma fé cega que se mantinha a muito custo com o sacrifício da compreensão. Jung viria a usar as escrituras como referência para a experiência interior de Deus:

No seu livro de *Memórias*, Jung não esconde as restrições que fazia ao pai. Desde muito cedo, ele viu no pastor o homem estagnado numa condição medíocre. A quem faltaram forças para seguir sua linha própria de desenvolvimento; o homem que não enfrentava as dúvidas religiosas que o atormentavam, segundo parecia ao filho. O pastor temia as experiências religiosas imediatas, agarrava-se à fé, amparava-se na Bíblia e nos dogmas. Jung nunca poderia aceitar tal atitude. Sentia-se muito mais afim

com sua mãe. Menino ainda, descobriu que existiam nela duas personalidades (SILVEIRA, 1981, p. 4)

Ele lamentava que, à religião, faltasse o empirismo, o que alimentaria a sede da personalidade, e que, às ciências naturais, que também tanto o fascinavam devido ao envolvimento com a realidade concreta, faltasse o significado, que saciaria a personalidade. Os dois aspectos, religião e ciência, não se tocavam daí sua constante insatisfação, devido ao desencontro das duas instâncias interiores.

E foi dessa tentativa de saciar tanto um aspecto quanto o outro, de fazer justiça ao ser como um todo, que decidiu formar-se em psiquiatria: foi pensando nisto e nesta cede de se completar fazer a experiência dos dados biológicos e dados espirituais, que até então buscara inutilmente. Tratava-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se torna realidade.

Por muitos anos, Jung sentiu possuir duas personalidades separadas: um ego público, exterior, que era envolvido com o mundo familiar, e um eu interno, secreto, que tinha uma proximidade especial para com Deus. Ele reconhecia ter herdado isso de sua mãe, que tinha a notável capacidade de "ver homens e coisas tais como são". Formou-se em medicina pela Universidade da Basileia, no ano de 1900. Em 1903 casou-se com Emma Rauschenbach. O casal teve cinco filhos: Agathe, Anna, Franz, Marianne, Emma. A esposa, fiel seguidora de Jung, foi analisada por ele próprio.

Aos 38 anos (1913), Jung havia cumprido largamente todas as tarefas da primeira metade da vida, tinha constituído família; afirmara-se no campo

profissional, sendo procurado por enorme clientela que acorria de toda a Europa e da América; conquistara renome científico mundial, sendo requisitado em palestras, seminários, congressos, dentre outros. (Silveira, 1981)

3 O Encontro de Jung com Sigmund Freud e com a Filosofia

Em 1902, Jung foi a Paris, onde estudou com Pierre Janet, regressando no ano seguinte ao hospital de Burgholzli, onde assumiu um cargo de chefia e onde, em 1904, montou um laboratório experimental em que implementou o seu célebre teste de associação de palavras para o diagnóstico psiquiátrico. Foi neste contexto entra em contato com as obras de Sigmund Freud (1856-1939). Jung viu, em Freud, um companheiro para desbravar os caminhos da mente. Enviou-lhe cópias de seus trabalhos sobre a existência do inconsciente, confirmando concepções freudianas de recalque e repressão. Ambos se encantaram um com o outro, principalmente porque os dois desenvolviam trabalhos inéditos em medicina e psiquiatria.

O primeiro encontro entre eles, em 27 de fevereiro de 1907, transformou-se numa conversa de treze horas ininterruptas. Depois desse encontro, estabeleceram uma amizade de aproximadamente sete anos, período em que trocavam informações sobre seus sonhos, análises, trocavam confidências e discutiam casos clínicos. Os dois viajaram juntos aos Estados Unidos em 1909, proferindo palestras num centro de pesquisas. Em 1910 foi fundada a Associação Psicanalítica Internacional, da qual Jung foi eleito presidente.

Porém, ao lado de tamanha identidade de

pensamento, havia também algumas diferenças fundamentais. Jung jamais conseguiu aceitar a insistência de Freud de que as causas dos conflitos psíquicos sempre envolveriam algum trauma de natureza sexual, e Freud não admitia o interesse de Jung pelos fenômenos espirituais como fontes de estudo válidas em si.

Nos anos 1930, essa divergência atingiria seu auge, e o rompimento entre eles foi inevitável. De qualquer sorte, talvez seja necessário àqueles que se propõe seguir as orientações teóricas de Freud ou de Jung ou, ainda, de Freud e Jung mergulhar na história dessa turbulenta amizade e extrair as suas próprias conclusões. É possível que esse mergulho termine por ser um encontro pessoal de cada um com a sua própria verdade. Um confronto rico e saudável com o seu inconsciente. Então, quem sabe, talvez tenhamos aprendido a lição maior desses mestres segundo a qual pessoa alguma pode acompanhar ou orientar uma jornada que ela mesma não a tenha feito.

4 Das Principais Obras

Em 1903 publicou sua primeira obra, "Psicologia e Patologia dos Fenômenos ditos Ocultos", fruto de sua tese de doutorado. Publicou nos anos seguintes mais três trabalhos, relacionadas à descoberta dos complexos afetivos e das significações nos sintomas das psicoses. Em 1905 tornou-se livre docente na Universidade de Zurique.

Os fenômenos ocultos (1902), A libido: símbolos e transformações (1912), O inconsciente (1914-1917), Dicionário de psicologia clínica (1921), Energética psíquica (1928), Análise de sonhos. Seminário. (1928-1930), Psicologia e Alquimia (1935, Eranos Jarbuch), A criança e o núcleo: dois arquétipos (1940-1941), Psicologia e educação (1942-1946), Psicologia e poesia (1922-1950),

Sincronicidade (1952), Resposta ao trabalho (1952), Presente e futuro (1957), Esquizofrenia (1958), Um mito moderno. Coisas que são vistas no céu (1958), A psique da criança. (1909-1961), Bem e mal em psicologia analítica. (1943-1961), Consciência, inconsciente e individuação, O ego e o inconsciente, A árvore filosófica, Análise de sonhos, tipos psicológicos, A psicologia do inconsciente, Lembre-se sonhos reflexões, O homem e seus símbolos.

Carl Gustav Jung, foi um psiquiatra e psicoterapeuta, fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura e áreas afins. Ficou célebre a controvertida resposta que Jung deu, em 1959, a um entrevistador da BBC que lhe perguntou: "O senhor acredita em Deus?" A resposta foi: "Não tenho necessidade de crer em Deus. Eu o conheço".

O confrontar-se com o inconsciente e o defrontar-se com a própria sombra parece ser o exemplo maior de coragem pessoal e honestidade intelectual que Freud e Jung legaram às gerações de estudiosos da alma humana que os sucederam.

Carl Gustav Jung morreu dia 6 de junho de 1961, aos 86 anos, em sua casa, à beira do lago de Zurique, onde residiu desde seus 4 anos, em Küsnacht após uma longa vida produtiva, que marcou e tudo leva a crer que ainda marcará mais a antropologia, a sociologia e a psicologia., ele foi um dos mais influentes pensadores do século XX.

5 Sobre as Influências Teóricas da Teoria Junguiana na Filosofia

Para a formação de sua teoria acerca da *psiqué*,

Jung passou, por experiências pessoais. Contudo, à essas se somam outras tantas influências que direta ou indiretamente estão presentes em sua abordagem psicológica. Vivendo em um período de efervescências no campo da intelectualidade, podemos afirmar que Jung condensou de forma magistral óticas teóricas antagônicas, percebendo o que as mesmas possibilitavam na compreensão acerca do humano. Dentre essas diversas perspectivas, citamos a reflexão de Immanuel Kant, de Friedrich Nietzsche, Charles Darwin e Sigmund Freud.

O primeiro pensador, Kant, foi um filósofo do século XVIII que analisou a forma pela qual o conhecimento era produzido. Para tanto, verificou que a razão humana abstrai as informações produzindo o conhecimento. Um primeiro aspecto, que esse pensador destaca, é a relação que o sujeito tem com o mundo a ser conhecido: o fenômeno. Afirmando que o pensamento somente consegue abstrair aquilo que possui em si uma materialidade, Kant pontua que o conhecimento é proveniente de uma análise das realidades abstraídas pelos cinco sentidos.

Entretanto, o que é que nos garante que essa análise seja verdadeira? Para o autor, a existência de categorias denominadas por ele de *a priori* doam o aspecto de veracidade para o que é abstraído pelo ser humano. Essas categorias são realidades mentais, não verificáveis, mas que são universais, ou seja, que todos os seres humanos possuem. Essa estruturação epistemológica permite inferir a existência de uma realidade implícita no ser humano, enquanto espécie, da qual não podemos versar de forma direta. Em outras palavras as categorias *a priori* são elementos dos quais não podemos versar, mas apenas intuir.

Nietzsche, o segundo pensador, fez uma releitura do pensamento filosófico vigente, buscando demonstrar a forma como as concepções ocidentais de percepção do ser humano eram deveras fragmentadas. Refutando a existência de uma realidade metafísica (como as categorias *a priori* de Kant), esse filósofo afirma que a afirmação da existência, que a unificação da pessoa perpassa por um profundo conhecimento de suas potencialidades interiores.

Esse conhecimento não se relaciona somente com a percepção consciente de seus atos, mas na compreensão das pulsões que fomentam o agir humano, que podem ser antagônicas e estarem em luta. Como ele mesmo afirma: “se treinarmos nossa consciência, ela beija enquanto nos morde” (NIETZSCHE, 2001, 98).

De outro, em Nietzsche também encontramos a concepção de que as ações humanas não são regidas, muitas vezes apenas pela escolha autônoma ou individual, mas que há um nível de influência externa. Essa influência não se relaciona com a cultura ou ainda com as transformações sociais, mas sim com do que ele chama de natureza comunitária, que molda aspectos da individualidade humana.

Meu pensamento, como se vê, é que a consciência não faz parte realmente da existência individual do ser humano, mas antes daquilo que nele é a natureza comunitária [...] que, em consequência, apenas em ligação com a utilidade comunitária [...] ela se desenvolveu sutilmente, e que, portanto, cada um de nós, com toda a vontade que tenha de entender a si próprio de maneira mais individual possível, de “conhecer a si mesmo”, sempre

traz à consciência justamente o que não possui de individual, [a] natureza comunitária (NIETZSCHE, 2002, 354).

Nessa análise da filosofia nietzschiana, encontramos dois elementos fundamentais para a percepção da reflexão junguiana: a ideia de que a pessoa precisa se entender e ser entendida como um todo, para tanto perpassa por um profundo conhecimento de si, que se relaciona com o processo de individuação; e a compreensão de que existe uma natureza comunitária que perpassa todos os seres humanos, formatando o comportamento dos mesmos, que se relaciona com o inconsciente coletivo.

Outro pensador que influenciou a teoria junguiana foi Darwin. Com sua análise sobre a evolução das espécies, houve a descrição de que de maneira ampla, todos os seres continham características dos que o precederam. O que ocorreu nesse processo de transformação das espécies foi a adaptação de algumas características, entretanto formas genéticas e hereditárias perpassaram as gerações, nos permitindo encontrar uma base da ciência empírica para a compreensão do inconsciente coletivo.

Por fim, a influência de Freud com a estruturação do inconsciente foi fundamental para Jung. Entretanto, essa teoria foi transformada por Jung que atribuiu à mesma outro significado. Para Freud o inconsciente estava relacionado à libido que era definida em aspectos diretamente relacionados à sexualidade. Já para Jung o inconsciente é uma energia vital da qual a sexualidade apenas faz parte. Segundo Schultz e Schultz (1999), “a energia libidinal básica se exprime no crescimento e na

reprodução, e também em outras atividades, depende do que é mais importante para um indivíduo em um momento particular”.

No que tange à formação da personalidade humana, Jung não percebia esse como um desdobramento das experiências da infância, mas sim, afirmava que o comportamento humano é engendrado por meio de metas, esperanças, aspirações em relação ao futuro. Uma terceira divergência com Freud é a compreensão da importância do inconsciente. Para Jung, essa dimensão humana é fundamental para a compreensão de si e para o desenvolvimento do processo de individuação.

Essas influências narradas são deveras importantes, pois permitem compreender que o desenvolvimento da teoria junguiana não está desconectada de toda a reflexão de seu tempo, mas que o desenvolvimento intelectual contribuiu para a mesma.

6 O Desenvolvimento da Teoria Junguiana na Psicologia e na Filosofia

Para Jung a *psiqué* humana é compreendida por meio de três níveis: a consciência, o inconsciente individual e o inconsciente coletivo. Para o autor o ego, refere-se ao nível consciente da pessoa. Esse nos dá uma compreensão de quem nós somos, incluindo em si lembranças, percepções e nos permite realizar uma adaptação ao ambiente no qual nos inserimos. Entretanto, para Jung a consciência é um nível secundário da existência, tendo em vista que é uma pequena porção de nossa *psiqué*. O foco principal do autor está em uma realidade oculta: o inconsciente.

Na teoria junguiana o inconsciente é considerado

como uma porção ampla e profunda do ser humano. O primeiro formato pelo qual se apresenta é o individual, que está logo abaixo da consciência, e consistem em “todas as lembranças impulsos, desejos percepções fugidias e outras experiências da vida da pessoa que foram suprimidas ou esquecidas” (Schultz, D; Schultz, S. 1999). Essas influenciam direta ou indiretamente o comportamento da pessoa.

Na perspectiva de análise do inconsciente Jung afirma a existência de um nível que ele considera como coletivo. Esse é um conjunto de experiências evolutiva e universais que formam a base da personalidade, constituindo-se a força mais presente na personalidade. Como afirma Schultz e Schultz (1999):

É importante notar que as experiências evolutivas no interior do inconsciente coletivo são, naturalmente, inconscientes; não as percebemos, não nos recordamos delas nem temos imagens suas, ao contrário do que ocorre com as experiências do inconsciente pessoal.

Sendo influenciado pela teoria da evolução e a filosofia kantiana, Jung acreditava que esses elementos que compõem o inconsciente coletivo eram explicáveis pelas semelhanças das estruturas mentais entre os humanos. Essas heranças presentes no inconsciente são fundamentais para o desenvolvimento da *psiqué* e denomina tais de arquétipos.

Os arquétipos são realidades inatas, preexistentes na pessoa, que acabam por influenciar de forma enfática o comportamento das pessoas, frente a situações vivenciadas pelos ancestrais. Sendo vivenciados por meio

de diversos eventos mentais, estão relacionados, de forma tipológica, por meio de experiências significativas da existência: o início e o fim da mesma, como também situações de risco (JUNG. 2002, p. 53).

Empreendendo uma investigação apurada acerca da estruturação de mitos e simbologias artísticas, de diversas civilizações, Jung percebe elementos comuns entre essas, mesmo que estejam separadas pelo tempo e espaço (JUNG. 2002, p. 88). Considerados como sistemas distintos de personalidade, os principais descritos por Jung são: *persona*, *anima*, *animus*, sombra e *self*.

Persona: se constitui a ‘máscara’ que usamos nas relações interpessoais, que representa aquilo que queremos aparentar ser. Ela não é a verdadeira personalidade do indivíduo, mas relaciona-se à compreensão do papel social que assumimos para agir nas diversas situações.

Anima e Animus: constitui-se as características femininas presentes no homem, como as características masculinas presentes na mulher. Como afirma Schultz e Schultz (1999): esses “arquétipos, advêm do passado primitivo da espécie humana, em que os homens e mulheres absorveram algumas tendências comportamentais e emocionais do outro sexo”.

Sombra: constitui-se o lado mais sombrio do ser humano, na qual percebe-se o que há de mais primitivo e animalesco na estruturação da personalidade. Esse arquétipo nos impele a realizar coisas que são consideradas como inaceitáveis, que geralmente não nos permitiríamos fazer. Contudo, é na ‘sombra’ que se encontra a fonte da espontaneidade, da criatividade, da percepção e da emoção, deveras importantes para o desenvolvimento humano.

Self: considerado como o mais importante arquétipo do sistema junguiano. Ele é responsável por proporcionar à personalidade sua unidade e estabilidade. Promovendo a integração da personalidade e pode ser comparado com o impulso para a autorrealização (Schultz, D; Schultz, S. 1999).

No contexto dessa análise arquetípica, se insere a teoria de Jung acerca dos tipos psicológicos. Esses são considerados como um sistema de combinações de atitudes e energia libidinal que permitem avaliar se as características comportamentais do indivíduo. Essas combinações são entendidas a partir de duas referências: a extroversão e a introspecção.

A extroversão pode ser compreendida a partir da ótica relacional. O indivíduo extrovertido tende a dirigir sua libido para questões relacionadas ao mundo exterior, tendo características comportamentais, a sociabilidade e a autoconfiança são fortemente influenciadas pelas forças presentes no mundo exterior.

Já a introversão, por sua vez, dirige a libido para o interior da pessoa que tem características mais contemplativas, é resistente às influências externas e nas relações interpessoais é menos sociável. Destacamos que esses dois tipos psicológicos não estão presentes de forma plena na pessoa, sempre há um que é mais pronunciado, o que possibilita flexibilidade de ação e comportamento (JUNG, 2000, p. 346).

Segundo Schultz e Schultz (1999), “a teoria de Jung [afirma] que as diferenças de personalidade também se manifestam por meio de quatro funções [...] o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição”. Essas são identificadas a partir da forma como a pessoa se posiciona frente ao mundo exterior, tendo em vista sua

subjetividade.

Pensamento: é aquele que proporciona, por meio de um processo conceitual, o sentido e a compreensão; Sentimento: é um processo subjetivo de ponderação e avaliação; Sensação: se constitui a percepção consciente de objetos físicos; Intuição: se desenvolve por meio da percepção inconsciente. Essas funções são classificadas por Jung como racionais (pensamento e sentimento), pois envolvem a razão e o juízo; e irracionais (sensação e intuição) que dependem de estímulos concretos e específicos que independem da razão.

No contexto da clínica, esses tipos psicológicos foram utilizados de diversas formas de Jung para o processo diagnóstico. Dentre esses pontuamos o *teste de associação de palavras* que se constitui um instrumento utilizado para descobrir complexos da personalidade em seus pacientes.

7 Considerações Finais

O presente artigo procurou apresentar de forma rápida e objetiva o encontro de Jung com a Filosofia ou da Filosofia com a Psicologia por meio de Jung propriamente, onde os pensamentos de ambos se compõem. Apresentamos as influências de diversos filósofos na vida e no pensamento de Jung, bem como como as consequências dessas influências na Psicologia desenvolvida por Jung.

O presente artigo é de caráter introdutório, não tendo portanto a intenção de ser algo conclusivo, trata-se de um ensaio, onde apresentamos alguns apontamentos de ordem filosófica, entretanto não se sobrepõe ao psicológico, pois não podemos mensurar até que ponto o filosófico estaria a frente do pensamento psicológico e

vice versa.

Entendemos que o pensamento Junguiano foi uma construção múltipla, constituída de várias fontes, sendo a filosofia uma delas, tendo relevante papel na construção e organização de raciocínio lógico, empírico e racional de Jung perante a psicologia.

Referências

JUNG Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**, autobiografia de Jung, Editora Nova Fronteira S.A. 1986, https://mundocogumelo.blog.br/arquivos/memorias_sonhos_e_reflexoes.pdf acessado em 10/10/2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis, Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, prólogo, p. 19.

Manual de Cambridge Para Estudos Junguianos/Organizado por Polly Young-Eisendrath e Terence Dawson, Trad. Daniel Bueno-Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além de Bem e mal: prelúdio de uma Filosofia do Futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PENNA, E. M. D. **O Paradigma Junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. 2004. Artigo – III Congresso Latino-americano de Psicologia Junguiana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**, 7. ed. Rio de Janeiro, 1981, editora Paz e Terra. <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2016/03/silveira-nise-jung-vida-e-obra.pdf> acessado em 21/10/2018.

VECHI, L. G. **A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung no estudo de instituição: uma proposta teórico-metodológica**. 2008. 171 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Robson Stigar

Doutor em Ciência da Religião. Professor da Faculdade Herrero.
E-mail: robsonstigar@hotmail.com

Vanessa Roberta Massambani Ruthes

Doutora em Teologia, Professora da faculdade Isulpar.
E-mail: vanessa_ruthes@yahoo.com.br

Submetido: 03/01/2020

Aprovado: 10/03/2020